
Características do turismo no espaço rural em municípios de regiões serranas no estado de São Paulo, Brasil

Maria Dalva Oliveira Soares¹
Maria Ângela Fagnani²
Sonia Maria P. Pereira Bergamasco³

Introdução

As mudanças ocorridas no espaço rural desestruturaram as fronteiras tradicionais entre atividades agrícolas e não-agrícolas. Diante disso, registra-se a emergência de uma nova noção de rural, desvinculado das características tradicionalmente a ele associadas.

O mundo rural convive com outras atividades, tornando-se muito mais do que um fornecedor de matéria-prima, mas um espaço diversificado de atividades produtivas denominado por alguns autores como multifuncional (Cristóvão, 2002). Dentre elas, destacam-se o lazer e o turismo em modalidades tais como rodeios, festas religiosas e folclóricas, atividades esportivas, ecoturismo, pesque-pague, restaurantes rurais, agroturismo etc.

O interesse em buscar novas formas de turismo, além do tradicional sol, mar e praia, prende-se, de um lado, ao «crescimento da população urbana que se concentra em áreas metropolitanas densamente povoadas e, de outro, à necessidade de inovar as atividades econômicas no meio rural» (Rodrigues, 2000:7).

O intenso processo de urbanização ocorrido nas últimas décadas e os grandes problemas encontrados nas cidades, contribuem para resgatar uma dada representação do rural no imaginário de grande

1 Centro Paula Souza, São Paulo – SP, dalvsoares@hotmail.com

2 Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas (FEAGRI/Unicamp), Ângela@agr.unicamp.br

3 Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas (FEAGRI/Unicamp) Sonia@agr.unicamp.br

parte da população: um ambiente próximo da natureza, despoluído, tranquilo, entre outros. Joaquim (2001) considera o apelo turístico no espaço rural pelos atributos que o tornam «verdadeiramente rural»: boa qualidade ambiental, sossego e possibilidade de contatos personalizados. No caso brasileiro, devido à intensa imigração ocorrida durante o século XIX e no início do XX, grande parte dos descendentes dos velhos imigrantes que iniciaram suas atividades no meio rural parecem buscar nesse espaço suas origens.

Em algumas regiões, a paisagem rural como recurso turístico já é comum. No Brasil, as primeiras experiências de turismo no espaço rural ocorreram no município de Lajes, no estado de Santa Catarina, onde antigas fazendas de gado se transformaram em hotéis-fazenda (Matei, 2000). São propriedades de grande importância histórica, associadas às numerosas tropas que percorriam as regiões Sudeste e Sul do País.

Este trabalho busca analisar o desenvolvimento da atividade turística no espaço rural no contexto das transformações da agricultura brasileira nos municípios de Cunha e Santo Antônio do Pinhal, localizados na região serrana do estado de São Paulo, cujo critério de escolha foi desenvolver alguma atividade de turismo no espaço rural. Para tanto, foram realizadas pesquisas em documentos publicados pela FAO/INCRA, nos quais encontramos a divisão de propriedades rurais em de cada município brasileiro, além do total existente no estado de São Paulo e Brasil. Foram também consultados dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE, 2003); do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005) e dos *sites* dos municípios, bem como publicações em livros, revistas, jornais e folders.

Tendo como ponto de partida o respeito às características locais, foram escolhidos os dois municípios, Cunha, localizado na Serra do Mar, e Santo Antônio do Pinhal, na Serra da Mantiqueira, nos quais predominam as propriedades familiares e atividades de turismo no espaço rural, cuja história tem sua origem nos primeiros séculos da colonização brasileira.

Inicialmente procurou-se realizar contatos com pessoas ligadas à administração municipal, tais como: secretários de turismo e da agricultura, bem como turismólogos, que pudessem fornecer maiores informações sobre a agricultura familiar e as atividades de agroturismo desenvolvidas nos municípios. Buscou-se ampliar o leque de informações através de entrevistas com outros atores sociais relevantes para o contexto da pesquisa.

A técnica de pesquisa utilizada neste artigo foi qualitativa, de forma a proporcionar maiores subsídios para a reflexão sobre as transformações na sociedade contemporânea, que levaram ao aparecimento de novas atividades no espaço rural, dentre elas o turismo em suas diversas modalidades.

A história de vida é uma técnica em que se dá maior liberdade à pessoa interrogada (Bastide, 1953) e, a partir dos discursos obtidos, é possível captar sentidos e significados, atribuídos pelos sujeitos, às experiências vividas. A partir da saturação das informações buscadas num dado conjunto de informantes selecionados, portanto, não apenas a memória dos entrevistados passa a ser uma importante fonte histórica, mas, sobretudo, pode-se compreender como tais portadores de valores e crenças socialmente partilhados podem atuar em contextos específicos. Além disso, também a partir de um conjunto de depoimentos desta natureza, pode-se estabelecer reflexões mais profundas entre os constrangimentos estruturais a que os sujeitos estão expostos e a forma como os agenciam a seu favor. Estas são, em síntese, as vantagens da utilização das técnicas típicas de história oral.

Foram realizadas em Santo Antônio do Pinhal oito entrevistas; quatro com proprietários de pousadas rurais e quatro com outros produtores. Também foi entrevistada uma proprietária rural que possui uma ONG (organização não governamental) e em cuja propriedade desenvolve trabalhos de Educação Ambiental para os residentes do entorno. Em relação aos administradores públicos, foram entrevistados o Secretário de Turismo, do Meio Ambiente e o de Esportes, que é historiador. Registra-se ainda a grande colaboração de um vereador e de sua mulher na indicação de pessoas para entrevistas e no acompanhamento para a sua realização.

No município de Cunha, resgataram-se histórias de vida de cinco proprietários de pousadas rurais e foram também entrevistados um agricultor; dois ceramistas; dois proprietários de restaurantes situados no espaço rural; o atual Secretário de Turismo; o Secretário de Turismo e da Agricultura da administração anterior; um funcionário da CUNHATUR; o ex-gerente da Nossa Caixa. *A escolha deste último deu-se em função de seu conhecimento profundo da história das propriedades rurais do município, muitas vezes trágicas, pois como consequência da especulação fundiária impulsionada pelas novas atividades turísticas, seus proprietários venderam suas unidades agrícolas, passando a ser caseiros dos novos donos.*

Foram entrevistados ainda dois engenheiros agrônomos, um da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e outro que possuiu uma propriedade onde cria e industrializa derivados do leite de búfalas; um funcionário de pousada que é técnico em turismo; o motorista que conduz turistas; o presidente da Associação de Agricultores do Bairro de Paraibuna e o Diretor do Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Cunha-Indaiá). O parque é uma unidade de conservação da Mata Atlântica, com cachoeiras e corredeiras, cortada pelo rio Paraibuna e oferece trilhas, *eventualmente* acompanhadas por guias.

Mudanças no espaço rural: o turismo como uma nova forma de ruralidade

Num mundo cada vez mais globalizado as relações econômicas e políticas influenciam não só a regulação da produção agrícola, mas também a valorização do meio rural. Assim, as consequências do intenso e selvagem processo de globalização das economias nacionais se explicitaram em uma presença cada vez mais intensa de organismos internacionais na regulação da produção e do comércio agrícola.

Diversos fatores são responsáveis pelas novas dinâmicas sociais observadas no meio rural. Wanderley (2000) aponta a descentralização econômica, a redução da distância física e social dos habitantes do campo em relação aos da cidade; o crescimento demográfico e a modernização rural.

A atual fase da sociedade contemporânea, denominada denominada pós-fordista⁴ por alguns estudiosos proporciona a descentralização das plantas industriais em determinados centros rurais (Stropasolas, 2002), que passam a se constituir em atrativos ao capital produtivo na medida em que recebem investimentos em telecomunicações e modernas rodovias, tornando-se de fácil acesso.

A representação do rural para a maioria da população urbana é de um lugar agradável de viver, em oposição aos inúmeros problemas da cidade, o que o torna um atrativo para atividades de lazer, tais como o turismo.

Os entrevistados proprietários das pousadas de Cunha e de Santo Antônio do Pinhal são de origem urbana, que declararam ter se estabe-

4 Corresponde ao período denominado o período da Terceira Revolução Industrial caracterizado pelos grandes avanços científicos e tecnológicos inseridos no setor produtivo. A reestruturação produtiva teve implicações no trabalho tornando-o mais flexível e demandando maior qualificação.

lecido no espaço rural em busca de uma atividade na qual pudessem ter melhor qualidade de vida, atraídos pelo clima, pela tranquilidade e pelo fato dos municípios se localizarem entre as duas metrópoles nacionais; São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, os chamados neorrurais buscam viver num local agradável, longe do agito urbano, mas provido de uma malha rodoviária que possibilita o acesso fácil às duas grandes cidades.

O conceito de neorrural surgiu na França na metade da década de 1970, a partir do aumento da população rural em diversas regiões montanhosas daquele país. O incremento populacional ocorreu graças à migração de origem urbana, e mesmo rural que tinham vivido um tempo nas cidades. Há exemplos de ex-advogados, ex-biólogos, ex-gerentes, dentre outros, que deixaram a cidade em busca de uma nova vida ou para complementar sua renda. Giuliani (1990) observa que os neorrurais ocupam-se de atividades agrícola em tempo integral o que não ocorre com o pluriativo patronal,⁵ por exemplo.

De acordo com o projeto RURALPRO da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER, 2005), elaborado para o Distrito Federal, os produtores patronais podem ser tipificados em quatro grupos: a primeira situação trata-se do produtor monoativo que obtém sua renda exclusivamente da atividade rural, grande maioria é emergente de uma agricultura familiar bem-sucedida que adquiriu características de empreendedores patronais; um segundo tipo seria o produtor rural pluriativo, caracterizado por obter renda em atividades econômicas tanto na área urbana como na rural; um terceiro grupo compreenderia os empreendedores rurais financistas, fazem parte desse grupo os empresários que se dedicam a animais de raça ou são investidores que entram na atividade produtiva somente com o capital, podem financiar alguma atividade no meio rural através da compra antecipada de parte ou do total da produção. Finalmente, o grupo dos neorruralistas é definido como o produtor rural que deixou suas atividades urbanas para dedicar-se exclusivamente a uma atividade no meio rural. Esses se fixam no campo, nas proximidades dos grandes centros urbanos e são, por exemplo, ex-gerentes de hotéis ou de supermercados, ex-administradores de empresas, etc.

Existem casos, porém, de habitantes de grandes centros urbanos como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, que procuraram em Cunha e Santo Antônio do Pinhal desenvolver atividades no campo

5 Classicamente denominados aqueles que têm mais de uma fonte de renda, desenvolvendo atividades urbanas e rurais simultaneamente.

ligadas ao setor terciário, especialmente ao turismo no espaço rural. Inicialmente adquirem uma propriedade e com capital próprio iniciam a construção de pousadas rurais.

Esse movimento migratório, contrário ao fluxo que acontecia desde a Revolução Industrial, revigora uma série de valores típicos do mundo rural que parecia estar desaparecendo; e tenta reverter o processo que indicava a vida citadina como um modelo a ser seguido.

Assim,

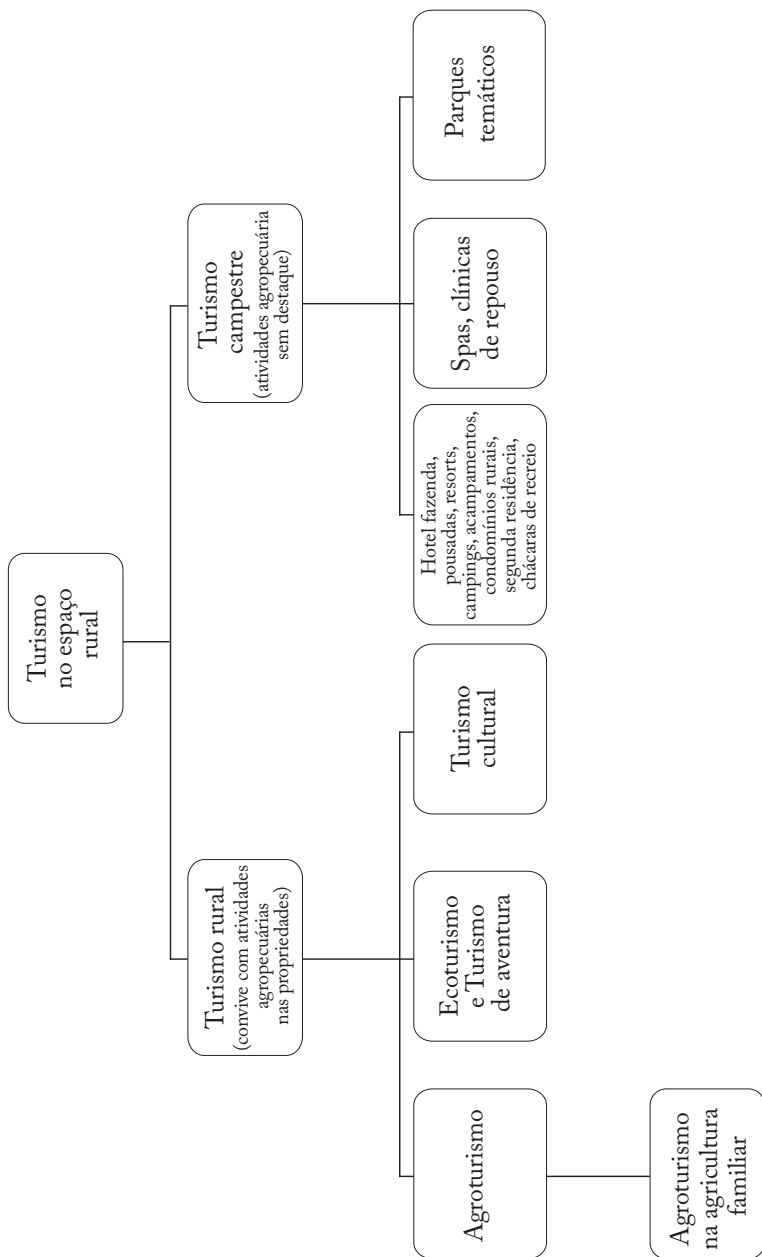
a representação da ruralidade é construída por um segmento expressivo de pessoas que ao questionar as relações de trabalho e emprego vigentes no contexto urbano, decidem mudar-se para o campo, passando a desenvolver atividades vinculadas à agricultura ou à pecuária (Stropasolas, 2002: 51).

O movimento migratório da cidade para o campo propiciou uma reflexão sobre os valores rurais e foi importante para superar os estereótipos vigentes sobre o camponês, considerado ora como primitivo e resistente às mudanças, ora como depositário da mais pura essência nacional. Assim, foi possível re-significar identidades características do modo de vida rural em contraposição aos valores urbanos, colocando-se em destaque seus aspectos positivos.

O conceito de neorrural se encontra, até certo ponto, na etapa denominada por alguns de pós-industrial, pós-fordista, ou mesmo pós-rural. Tomando-se estas novas representações estaríamos diante de um novo paradigma, possivelmente, caracterizado como um conflito entre diferentes visões e interesses do que possa vir a ser os espaços rurais (Stropasolas, 2002).

Outro aspecto constatado no fluxo de indivíduos da classe média urbana para o espaço rural é a construção de um discurso sobre a ruralidade *que se baseia em* uma visão idílica, que o transforma em um espaço de amenidades (Wanderley, 2000), o que favorece a expansão de atividades ligadas ao lazer e aos espaços residenciais. Tal tendência foi observada por Champion (2001) em estudos na Europa Ocidental em região policêntrica, áreas em que ocorre a *counterurbanization* (contra-urbanização). Este autor mostra que nos anos 1970 houve mudanças de população das áreas urbanas para as rurais devido aos impactos negativos do crescimento das cidades, os cidadãos com melhores condições financeiras buscam povoados menores ou regiões rurais. Este processo modifica e conforma estes espaços, pois as interações destes novos habitantes com órgãos de planejamento, empresas privadas e poderes públicos, influenciam crescentemente as proposições das novas funções para o rural.

Organigrama 1. Turismo no município de Cunha



O uso da expressão «turismo no espaço rural» é mais amplo que o de turismo rural, pois engloba todas as modalidades de turismo desenvolvidas em espaços rurais ou em áreas rurais. Já turismo rural é destinado às manifestações que se identificam com a vida rural, seu habitat, sua economia e sua cultura (Cals *et al.*, 1995).

O Turismo no município de Cunha

O município de Cunha foi decretado estância climática em 1948 porque, como era característico da época, seu clima era favorável ao tratamento de tuberculose devido à especificidade da sua localização. Entretanto, o tratamento das doenças pulmonares evoluiu com a instrução de novas drogas e a localidade, tal como as demais estâncias climáticas do Brasil, entrou em uma fase de estagnação.

O turismo teve grande impulso em Cunha graças aos ceramistas. A cerâmica é uma tradição local, desde os tempos dos índios, que teve continuidade com as paneleiras,⁶ que se dedicam à fabricação de potes, panelas, canecas e moringas. Esta arte ganhou força com ceramistas japoneses e portugueses que começaram a chegar ao município na década de 1970, instalaram-se no meio rural e introduziram a cerâmica de alta temperatura.

Estes novos moradores trouxeram a experiência japonesa em queimar objetos em fornos do tipo «noborigama», composto de várias câmaras construídas em declive. Atualmente, registram-se ateliês de uma ceramista japonesa e de um português, que também é arquiteto, e de vários outros ceramistas brasileiros, que iniciaram na atividade como aprendizes.⁷

Com o incremento das atividades dos ceramistas a época da abertura dos fornos passou a atrair um grande número de visitantes. Assim, não havia hotéis em número suficiente para abrigá-los, apenas

6 Paneleiras são antigas moradoras da zona rural que se dedicam a produção de utensílios domésticos em barro com técnicas herdadas dos indígenas que habitavam a região.

7 É interessante observar que cada ceramista tem seu estilo próprio, sua arte diferenciada, um modo diferente de ver a cerâmica. Isto propicia ao turista observar variedades de estilos, podendo optar pelas características e preços que mais lhe agradam. Os ateliês têm o seu próprio forno e a sua abertura cria grande expectativa, atraindo muitos turistas. Este acontecimento é sempre surpreendente, pois dentro do forno, cada objeto, devido a sua posição, recebe temperaturas diferentes. Isso faz com que cada peça tenha coloração e textura únicas, sendo difícil também prever o resultado de cada fornada.

um hotel no centro da cidade e um hotel fazenda, distante aproximadamente 30 quilômetros do centro da cidade, processo que favoreceu um crescimento das pousadas, principalmente no espaço rural.

O desenvolvimento do Turismo em Cunha teve, inicialmente, grande relação com a atividade ceramista:

Na época da abertura dos fornos havia muita gente e poucos hotéis, em vista disso, a gente começou a perceber que precisava que ter uma infra de hospedagem no município, daí nasceu a pousada (Proprietário de pousada (Cunha, 2005).

Atualmente há um grande aumento da oferta de hospedagem no espaço rural do município, em detrimento do urbano; cujo atrativo é o contato com a natureza, o silêncio e a tranquilidade. O estresse da vida moderna afeta a qualidade de vida e a oportunidade de refugiar-se num local sossegado, ainda que por poucos dias, possibilita aos indivíduos se reabastecerem de energia para poder seguir sua vida atribulada (Santos, *et al.*, 2006).

Tais processos, entretanto, não são isentos de ambiguidades e conflitos, pois gera uma especulação fundiária e, não raro, o agricultor vende sua propriedade para realizar um velho sonho: comprar uma casa na cidade com um cômodo para alugar para comércio e poder «viver de renda». Porém, nem têm a mesma sorte: «o que ocorre muitas vezes, é que o ex-proprietário rural volta para trabalhar como caseiro da propriedade que vendeu» (ex-gerente da Nossa Caixa, Cunha, 2004).

São poucas as pousadas rurais em Cunha que se dedicam a outras atividades além de hospedagem. Alguns proprietários estão pensando em desenvolver alguma atividade ligada à agricultura, para complementação de renda. Numa delas há um pequeno apiário e outras atividades agrícolas.

Tem um pequeno apiário, futuramente a gente está pensando em exportar, já estamos tendo incentivo da Nossa Caixa, porque nós produzimos bastante mel aqui, mas tudo assim produção caseira para uso da pousada. As vacas produzem o leite, a partir do qual a gente faz a coalhada, queijo, usa o leite na pousada; as frutas que utilizamos, a maioria é daqui, mas tudo dentro de uma produção caseira (P. S. F., Cunha, 2004).

Santo Antônio do Pinhal: turismo rural ou turismo dormitório?

A atividade econômica de Santo Antônio do Pinhal era a agricultura e a pecuária. Pelo relevo montanhoso, é grande a dificuldade em trabalhar a terra; há poucas áreas em que se pode usar máquinas, por isso o uso da enxada é comum ainda hoje. Portanto, condições mais favoráveis para a agricultura nas cidades do seu entorno no Vale do Paraíba e a concorrência de produtos importados, fragilizaram a capacidade econômica da produção agrícola do município.

Nos anos de 1990, principalmente após a criação do MERCOSUL, houve eliminação das barreiras ao comércio entre os países membros. Assim, os produtos antes importados passaram a ter livre entrada ou a pagar tarifas reduzidas, o que causou impactos negativos especialmente em algumas atividades agrícolas do país.

A produção rural foi caindo pela concorrência. Isso desestimulou muito os produtores e não tendo continuidade com a atividade, você acaba desistindo (Presidente da CONTUR, Santo Antônio do Pinhal, 2005).

Outro fator que contribuiu para desestimular as atividades agrícolas em Santo Antônio do Pinhal foi a construção da nova estrada asfaltada para Campos de Jordão. *Enquanto a estrada para Campos era de São José dos Campos, aqui ficou uma pérola intocável* (P. V. Santo Antônio do Pinhal, 2005).

Fazendo um estudo sobre as mudanças que ocorreram no litoral norte paulista, Luchiari (1999), identifica o período entre as décadas de 1950 e 1970 como o início da ruptura, devido à valorização turística das paisagens naturais. Até então, o turista não dominava completamente as paisagens do litoral paulista. A paisagem local, que foi construída e preservada ao longo dos séculos, continha apenas uma casa ou outra de veraneio. Não havia barreiras para o acesso ao mar ou ao sertão (espaço localizado entre as encostas da Serra do Mar e a orla litorânea, onde os caixaras desenvolviam suas lavouras), grupos de veranistas, caixaras, imigrantes, campistas, podiam circular por todos os lugares. A autora considera a implantação da rodovia Rio-Santos (BR-101) como a ruptura definitiva, o acontecimento que anuncia o período contemporâneo.

Tendo como referência o Vale do Paraíba (Taubaté), o acesso a Santo Antônio do Pinhal se faz por uma rodovia, que apesar de se localizar em região serrana é bem projetada e com excelente conservação, além de bem localizada.

A inauguração da rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro trouxe turistas para Santo Antônio do Pinhal, cuja chegada deixou os agricultores muito entusiasmados, pois viam nesse processo a potencialidade do desenvolvimento do comércio e dos serviços no município e a possibilidade de receber turistas que eventualmente não encontravam hospedagem em Campos de Jordão em determinadas épocas do ano.

Santo Antônio do Pinhal começou a desenvolver o turismo há cerca de 20 anos atrás, só que apesar da qualidade do clima, da vegetação, o turismo aqui se dá mais no mês de junho/julho, quando acontece o «Festival de Inverno» de Campos de Jordão. Desta maneira, Santo Antônio sempre sobreviveu turisticamente com o que sobrava de Campos de Jordão (L. P., Santo Antônio do Pinhal, 2005).

O turismo em Campos de Jordão teve grande desenvolvimento nas últimas décadas, especialmente pela programação anual do «Festival Internacional de Inverno», que tem como objetivo valorizar a música erudita. Este evento tem um público fiel de aproximadamente cem mil espectadores diretos (<www.guiavaleonline.com.br>, 2005).

Como as pousadas ao redor estavam cheias os turistas ligavam e pediam para eu ceder o espaço da casinha, era só uma casinha de madeira. E os hóspedes que vinham, tomavam café nas pousadas localizadas no entorno. Na próxima temporada queriam ficar aqui, não queriam voltar para a pousada. Com isso fizemos essa sala, a cozinha, depois fizemos a cozinha no lugar da garagem e nós fomos montando, fazendo a pousada (P. A., Santo Antônio do Pinhal, 2004).

A procura por hospedagem em Santo Antônio do Pinhal, mais barata do que em Campos de Jordão, é possível pela existência de uma boa estrada que liga os dois municípios.

Fui diversas vezes para Veneza. Para você dormir em Veneza é muito caro, então você fica em Mestre, a 15 minutos de trem, ou em Padova, que é meia hora de trem. Passa o dia inteiro em Veneza e vai dormir nas cidades próximas. Isto é secular e nós aqui, na realidade, estamos na mesma razão, o pessoal quer passar o dia em Campos, quer ir a noite lá aos cafés, bares, «no oba, oba». Mas depois ele quer ir embora, por duas razões, uma porque para você andar lá 12 km, 14 km em busca de pouso, você vai pegar estradas ruins. Aqui é uma estrada, o turista vem (Santo Antônio do Pinhal) e paga a metade do preço (P. V., Santo Antônio do Pinhal, 2005).

A presença de neorrurais nos municípios de Cunha e Santo Antônio do Pinhal

Os neorrurais que chegaram nesses municípios se dividem em duas categorias: o primeiro grupo compra uma propriedade e, em princípio, faz dela sua segunda residência; já o segundo grupo adquire a propriedade e muda-se para lá.

Num primeiro momento, a construção de pousadas no espaço rural foi impulsionada pelos componentes do primeiro grupo *que* gostavam de passar o fim de semana em suas propriedades, *mas* cujos custos de manutenção *eram muito altos*. *A demanda por leitos foi então percebida como forma de obter renda extra e então* alguns proprietários começaram a construir chalés.

O sítio foi comprado em 1994, com o objetivo de lazer. Meu pai se aposentou, logo em seguida passou a ficar mais tempo aqui do que na casa de Pindamonhangaba. Montamos um café e percebemos que nosso tino não era esse, de proprietário de bar a ai a gente abriu a pousada (P.H., Santo Antônio do Pinhal, 2004).

Ter um sítio entre a montanha e perto da praia era um velho sonho de um engenheiro. Por ocasião de sua aposentadoria comprou um sítio em Cunha.

Cunha era um projeto de meu pai. Em 1979 ele se aposentou na Ericson. O sonho dele era ter um sítio próximo da praia. A gente sempre frequentou Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, só que lá é caríssimo. Aqui, pela proximidade de Paraty, foi incentivado a procurar uma propriedade para comprar. Gostou da região e comprou e devagarzinho fomos construindo. Construimos a casa, não tinha nada, era tudo mata (T.V., Cunha, 2005).

Muitos cidadãos ainda têm interesse em comprar propriedades rurais pelos laços fortes afetivos, seja por seus pais serem da zona rural ou pelas recordações da infância vivida nesse espaço (Cavaco, 2006).

Nasci em um sítio em Viçosa. Fiquei muito tempo lá. Fui para Avaré, com o filho do dono que eu tomava conta da casa dele; depois fui para São Paulo, montei uma loja, fiquei 10 anos com ela. Comprei o sítio há 15 anos, a área é de aproximadamente 20 hectares. Daqui não saio mais, tem um clima muito saudável (D. F., Cunha, 2005).

Embora o sossego do campo seja um atrativo, os novos habitantes geralmente aposentados, encontram na construção das pousadas uma forma de não se sentirem sozinhos e isolados.

Eu tinha essa propriedade, gosto de gente, me sinto bem, então é uma distração, minha esposa é aposentada do estado, eu também sou, a gente fica aqui se diverte, faz amizade (P. V., Santo Antônio do Pinhal, 2005).

As pousadas são a versão contemporânea daquelas hospedarias do passado, onde é possível conjugar o aconchego de um lar com a isenção de tarefas domésticas. Apesar de recentes, já estão presentes na maioria das cidades de pequeno e médio porte com vocação turística. É um meio de hospedagem mais acessível, sem que isso signifique ausência de conforto ou charme (SEBRAE, 2006).

Muitas vezes os proprietários de pousadas desenvolviam outras atividades produtivas, antes da construção das pousadas.

Tenho a propriedade há 24 anos. Vinha para cá com a esposa e as crianças. Há um ano e meio construí a pousada. Antigamente plantava tomate, mas era terceirizado, era de meia e também plantava repolho. Todo mundo plantou e o preço caiu muito, ninguém mais aguentava comer repolho, então pegava a caminhonete e jogava fora. Criava também cachorro de raça pura, mas sem pedigree, pois custa R\$ 4.000,00 reais, cheguei a ter quarenta cachorros e oito cadelas nas propriedades (P. A., Santo Antônio do Pinhal, 2004).

Em outros casos, uma dada percepção de queda na qualidade de vida das grandes cidades, é declarado como razão da busca pela união de algumas características como segurança, tranquilidade, e a eleição de uma atividade declarada como prazerosa.

Eu morava em São Paulo, sempre em São Paulo, fui nascido e criado lá. Vivi aquele clima horrível, que todos nós estamos sofrendo, aquela situação de insegurança. Eu tinha indústria e uma loja. Fui assaltado várias vezes. Tinha que tomar uma atitude, ou eu ampliava meu negócio, ia para um shopping ou eu tomava outra decisão (P.H., Cunha, 2005).

O trecho a seguir também é paradigmático:

Era um sonho meu, sempre mexi com culinária, sempre gostei como *hobbie*, e eu queria aplicar esse *hobbie* depois dos 60 anos, na minha aposentadoria, para não ficar sem trabalhar. Os meus filhos gostam muito mais do campo do que do mar, então passeando, procurando, olhando, eu encontrei Cunha. Enamorei-me por ela, aqui deu certo. Comprei esta propriedade aqui, montei essa pousada, quem cuida daqui sou eu mesmo (P.H., Cunha, 2005).

Os proprietários de pousadas rurais de Cunha e de Santo Antônio do Pinhal vieram das cidades grandes. Em Santo Antônio do Pinhal, só um pousadeiro nasceu no município mas, apesar de ter nascido

no sítio, morava na cidade. O seu deslocamento para cidades menores, localizadas em áreas montanhosas, é percebido como a busca por desfrutar de clima bom, além da possibilidade de construir uma pousada com pequeno investimento como forma de complementar os proventos da aposentadoria.

Esta pousada foi construída porque foi o que nós pensamos ser viável para duas senhoras com mais de 60 anos tocarem. Projeto de velhice, projeto de aposentadoria. A verdade é que você vai chegando perto dos sessenta, tem que pensar que vem uma nova etapa e que não é como antigamente, as pessoas vivem mais. Precisa tentar viver com qualidade e também não deixar completamente de trabalhar, principalmente numa atividade como essa aqui onde você faz exercícios físicos. Isso não impede que tenha uma vida intelectual, porque você continua lendo (A.P.M., Cunha, 2004).

Também faz parte desse ideário desenvolver um tipo de turismo que atraia pessoas mais ou menos com a mesma formação intelectual, criar novos grupos de amizade, ter com quem conversar e trocar ideias:

Esta pousada atrai gente parecida com a gente, pois ela tem a cara da gente, e é muito agradável você ter todo final de semana pessoas interessantes para conversar. Por outro lado, como empreendimento, segundo o olhar de um economista, é um desastre. Concorde, mas não fiz um negócio, fiz um plano de vida (A.P.M., Cunha, 2005).

Os proprietários das pousadas procuram conservar a tradição de pequenas: quatro, cinco, seis, no máximo dez apartamentos ou chalés. A maior pousada possui 16 chalés; o que permite um contato direto com seus hóspedes.

Quando viajávamos ficávamos em hotel. A partir de certo tempo, começamos nos hospedar em pousadas e nos apaixonamos. Nelas há um contato maior com o proprietário, representa alguma coisa mais íntima, mais gostosa (D.F., 2005).

Como representam, para grande parte de seus proprietários, uma complementação de aposentadoria, não ambicionam ampliá-las.

A ideia foi pensada em dez chalés, pois a atividade se torna economicamente viável, com um pequeno retorno. Permite tirar férias uma vez por ano, ter um complemento razoável de aposentadoria (A.P.M. Cunha, 2005).

Assim, os seus principais anseios estão relacionados com relações mais diretas com a natureza, tranquilidade, ciclos produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, relações sociais mais

profundas. Desta forma procuram um modo de vida diferente e mais saudável do que o das grandes metrópoles (Giuliani, 1990).

Conseqüências da presença dos neorrurais

O turismo é uma atividade que ganha cada vez mais espaço no meio rural, sendo indicado para áreas carentes onde predominam agricultores familiares descapitalizados. Nessa perspectiva, os municípios de Cunha e de Santo Antônio do Pinhal são apontados pelos indicadores do Índice Paulista de Responsabilidade Social (riqueza, longevidade e escolaridade), elaborados pela SEADE, como municípios que apresentam os índices mais baixos do estado de São Paulo.

A presença de reservas naturais, belas paisagens, aliadas às tradições rurais, constituem-se em atrativos para o desenvolvimento do turismo no espaço rural nestes municípios. As danças, o folclore, as tradições rurais presentes em Cunha, em função de o município permanecer muito tempo isolado, bem como a tradição da produção de cerâmica, são motivos de busca por aqueles que procuram sair do estresse das grandes cidades. Em Santo Antônio do Pinhal, graças ao excedente de demanda em Campos de Jordão, como já discutido, existe hoje uma tentativa de firmar o turismo no espaço rural.

Tanto em Cunha, como em Santo Antônio do Pinhal, há predominância de pousadas rurais em relação às existentes no espaço urbano. A participação dos agricultores familiares nessa atividade é praticamente nula nos dois municípios. Os proprietários das pousadas são os chamados neorrurais, atraídos pelo seu potencial turístico, onde as terras são relativamente baratas (comparadas com a de outros lugares onde existem atividades turísticas), e com um pequeno capital dão início ao sonho de possuir uma pousada. Alguns pousadeiros já tinham a propriedade há muitos anos, a qual era também utilizada como segunda residência. Desta forma, buscam garantir renda para viver com tranquilidade, cercados de um bom clima, sem poluição, com pouca violência e dedicando-se a um trabalho considerado prazeroso.

Os neorrurais enfrentam dificuldades para permanecer na atividade, pois o pico da temporada situa-se nos meses de inverno; nos outros meses a procura é pequena. No verão o índice de chuvas é muito alto, o que prejudica as estradas rurais, dificultando sua manutenção em um relevo montanhoso. No caso de Cunha, a cidade não oferece atrações noturnas. Em função disso, as pousadas têm que oferecer atrativos para seus hóspedes, o que envolve maior investimento, nem sempre dando o retorno esperado.

Além disso, faltam políticas municipais de turismo. Nos dois municípios analisados, o turismo que se desenvolveu graças à demanda da comunidade local, fruto de soluções individuais. Entretanto, a intensificação da atividade turística gerou efeitos adversos, pois a especulação fundiária sobrevalorizou o preço das terras, o que contribuiu para expulsar o agricultor tradicional que, não raro, voltou a ser um trabalhador assalariado do novo proprietário. Nesse sentido, o turismo rural contribuiu para aumentar o êxodo rural. Também a criação de novos postos de trabalho é estritamente limitada pela própria estrutura das novas atividades turísticas locais. Como o turismo não ocorre ao lado de outras atividades tradicionais da agropecuária, não deve ser considerado também como agroturismo, mas sim uma modalidade de turismo campestre.

Se, de um lado, o turismo no espaço rural pode ser uma alternativa para os agricultores familiares, por outro, está deslocando a população do campo por conta da valorização das terras, que essa atividade proporciona.

Bibliografia

- Bastide, R. (1953) «Introdução a dois estudos sobre a técnica da história de vida», in *Revista de Sociologia*, São Paulo, vol. XV n.º 1, p. 155-160.
- Cals, J.; Capella, J. e Vaque, E. (1995) *El turismo em El desarrollo rural de España*, Madrid, Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentacion.
- Cavaco, C. (2006) «Regionalismo do Turismo em Áreas Rurais a partir da oferta» em Almeida, J.; Souza, M. *Turismo Rural: Patrimônio, Cultura e Legislação*, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Editora Facos, UFSM, p. 64-104.
- Chapiom, A.G. (2001) «Chasing Demographic Regime and Evolving Polycentric Urban Regions: Consequences for the Size, Compositions and distribution of City Population», *Urban Studies*, v. 38, n.º 4, p. 657-677, London.
- Chizzotti, A. (2001) *Pesquisa em Ciências Sociais*, 5ªed., São Paulo, Cortez.
- Cristóvão, A. (2002) «Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais)», in Riedl, M., Almeida J.A e Viana, A. L.(orgs.) *Turismo Rural: Tendências e Sustentabilidade*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC.
- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). Ruralpro. Distrito Federal, <www.emater.df.gov.br>, consulta em abril 2005.
- Ferreira, A. D. F. (2002) «Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras», *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.º 18, abril, p. 28-46.
- FAO/INCRA (2000) *Novo Retrato da Agricultura Familiar*, Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 73p.
- Filho, J. F.; Belik, W. e Campos, F. R. (2004) «Indústria rural e desenvolvimento da agricultura: o caso de Minas Gerais» in Campanhola, C. e Graziano da Silva, J., *O novo rural brasileiro: Novas atividades agrícolas*, v. 6. Brasília, DF: Embrapa, informação tecnológica.
- Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). <www.seade.gov.br>, consulta em março 2003.
- Giuliani, G. M. (1990) «Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos», *Revista Ciências Sociais*, n.º 14, ano 5, outubro.
- Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE). *Senso de 1991 e 2000*. <www.ibge.gov.br>, consulta em abril de 2005.
- Joaquim, G. (2001) «Turismo e mundo rural: que sustentabilidade?» in Rodrigues, Adyr B. (org.) *Turismo Rural: práticas e perspectivas*, São Paulo, Contexto, p. 35-45.
- Jameson, F. (1984) «Post-modernism or the cultural logic of capitalism», *New Left Review*, n.º 146.
- Josso, M. C. (1999) «História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos», *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n.º 2, p. 11-23.
- Luchiari, M. T. D. P. (1999) *O lugar no mundo contemporâneo-turismo e urbanização em Ubatuba/SP*, Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Matei, L. (2000) «Agroturismo e perspectiva para o Estado de Santa Catarina» in *X Word Congress of Rural Sociologies, Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, Rio de Janeiro.

- Morandi, S. e Gil, I. C. *Tecnologia e ambiente*, São Paulo, Copidart, 2000.
- Queiroz, M. I. P. (1991) *Variações sobre a técnica do gravador*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1991.
- Rodrigues, A. M. (1998) *Produção e consumo do espaço: problemática ambiental urbana*, São Paulo, Hucitec.
- Rodrigues, C. G. O. (2000) «A Dinâmica do Turismo em Espaços Rurais – O Caso do Arraial de Conceição do Ibitipoca (MG)», *Anais do X Congresso Mundial de Sociologia Rural*, Rio de Janeiro, 30 de julho a 05 de agosto.
- Santos, E.; Souza, M. e Raport, A. (2006) «Motivações e perfis como instrumento de segmentação do turismo rural e agroturismo no Rio Grande do Sul», in Almeida, J. A. *Turismo Rural: patrimônio, cultura e legislação*, Santa Maria (RS): Editora FACOS – UFSM.
- Smart, B. (1993) *A pós-modernidade*, tradução de Ana Paula Curado, Portugal, Europa-Americano.
- Soares, M. D. O. (2009) *As contradições do Turismo no Espaço Rural: vida, trabalho, renda e exclusão*, Tese de Doutorado, Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Stropasolas, V. L. (2002) *O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC*. Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Sociedade e Meio Ambiente, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Wanderley, M. de N. B. (2000) *A Emergência de uma nova ruralidade nas Sociedades Modernas Avançadas: O Rural como Espaço Singular e Ator Coletivo*, Recife, UFPE.

Consultas eletrônicas

- <www.guiavaleonline.com.br>, consulta em 2005
- <www.sebrae.com.br>, consulta em 2002